

Algumas articulações entre Raymond Roussel e Michel Foucault/ *Some relationships between Raymond Roussel and Michel Foucault.*

Fabiano Barboza Viana¹

RESUMO

Trata-se de apresentar algumas relações entre a literatura de Raymond Roussel (1877-1933) e a filosofia de Michel Foucault. Interessa-nos como as teorias foucaultianas sobre a linguagem e a experiência, nos anos 1960, foram motivadas pela leitura dos escritores de vanguarda na França, em especial, a obra de Raymond Roussel. Por outro lado, pretende-se explorar a escritura de Roussel no sentido de perceber quais operadores são mobilizados nessa relação.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Experiência; Procedimentos; Morte

ABSTRACT

This work aims to present some relations between the literature of Raymond Roussel (1877-1933) and the philosophy of Michel Foucault. On one hand we are interested in how Foucault's theories on language and experience in the 1960s were motivated by reading the writers of the vanguard in France, in particular, the work of Raymond Roussel. On the other hand, we intend to explore the writing of Roussel in order to realize which are the literary operators mobilized in this relationship.

KEYWORDS: Language; Experience; Procedures; Death

Introdução: Foucault com Roussel.

Numa formulação célebre, Lacan afirmara que a verdade de Kant seria desvelada com Sade. A propósito de tal equação modelar, passou-se a arrolar diferentes relações de pertença no campo do saber: o *Mestre Ignorante* com seu discípulo Platão, Deleuze com Proust, Nietzsche com Wagner, Heidegger com Pessoa. Propomos neste espaço uma leitura de Roussel com Foucault.

Não se trata do comentário esclarecedor dum pensador A sobre o texto de um obscuro autor B. Também não se trata dum reflexo ofuscante do autor B sobre o turvo pensamento de A. Existiria uma ordem de fatores adequada a esse tipo de equação?

¹ Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo; SEESP.

Partamos arbitrariamente duma narrativa do pensador A:

Comecei este estudo sobre Roussel quando eu era muito jovem (...). Um dia, fui à livraria José Corti para comprar não sei qual livro. (...) meu olhar foi atraído por uma série de livros cuja cor amarela, um tanto envelhecida, era a cor tradicional das antigas casas de edição do fim do século passado (...) esbarrei em um autor do qual jamais ouvira falar: Raymond Roussel (...) Sempre mantive por Roussel uma espécie de afeição um tanto secreta, sem falar muito dele à minha volta (FOUCAULT, 2006, p.400-401).

Foucault nos conta que o encontro com a obra de Roussel foi motivado pelo acaso. Emula o próprio afeto do escritor francês para com seus livros prediletos: Roussel não deixava que ninguém os manuseasse, e arrancava sempre as páginas de Jules Verne, já lidas, para conservar indivisa a própria experiência de leitura. Semelhante era o fato de cerrar sempre as janelas do quarto no momento de confecção de suas obras, para que os *raios da glória* de escritor, provindos do seu corpo, não eclipsassem toda realidade exterior, como relatou a Pierre Janet.

Michel Foucault publicou em 1962 o livro *Raymond Roussel*, trabalho singular na sua formação, haja vista ser o único trabalho totalmente dedicado a um autor de literatura. Conforme entrevista concedida a C. Ruas em 1983, Foucault apesar de não vincular o estudo de Roussel à história da loucura e a arqueologia dos saberes institucionais, não descarta uma motivação *inconsciente* dentro do seu projeto epistemológico da loucura:

(...) É possível dizer, sem dúvida, que talvez sejam essas as mesmas razões que fizeram com que, em minha perversidade e minhas próprias estruturas psicopatológicas, eu esteja interessado pela loucura e Roussel (FOUCAULT, 2006, p. 403).

Qual seria então o conteúdo da perversão de Foucault aflorado na leitura de Raymond Roussel?

O texto *As Palavras e as Coisas* de Foucault seria publicado em 1966. Neste escrito o pensador francês reconstitui as três grandes formações histórico-discursivas da cultura europeia, a saber: *episteme renascentista* (do

séc. XV ao XVI), *episteme clássica* (do séc. XVII ao XVIII) e *episteme moderna* (do séc. XIX ao XX). Sem recuperar os meandros da periodização foucaultiana, nos interessa aqui um momento específico desta trajetória: o reaparecimento do *ser da linguagem* na episteme moderna.

Como já havia indicado antes na *História da Loucura*, há um tipo de *experiência trágica* na episteme renascentista em que a linguagem aparece:

(...) em seu ser bruto e primitivo, sob a forma simples, material, de uma escritura, de um estigma sobre as coisas, de uma marca repartida pelo mundo e que forma parte de suas mais inapagáveis figuras (FOUCAULT, 1975, p. 57).

A linguagem compreendida como *assinatura do mundo*, estabelece as correspondências entre o micro e o macrocosmo, dentro de uma ordem cognitiva do real marcada pela semelhança. É na *potência trágica da loucura*, experiência limite e incorporada na sensatez, que esse regime de linguagem como um *logos que não conhecia contrários* se coloca como alternativa as práticas discursivas da episteme clássica marcada pela exclusão e denegação da loucura, assim como, pelo enclausuramento do ser vivo da linguagem na ordem binária da representação. Adiante, o que temos é a apresentação de uma experiência da loucura na linguagem que escaparia ao regime de oposição e contrariedade da razão na episteme moderna, a qual sempre acabaria por reduzir o ser-outro da desrazão.

Ora, o diagnóstico de *As Palavras e as Coisas* é justamente o reaparecimento desse *ser bruto da linguagem* no crepúsculo da episteme moderna. Esse retorno (agora sem a mediação do contexto (tynchanon) e da figura do criador como na episteme renascentista), se daria no espaço de algumas experiências literárias da modernidade. Contra o pensamento da finitude no campo dos saberes particulares (no qual apenas um ato de conhecimento pode conferir o significado do signo, como base numa hermenêutica) o contradiscurso literário não remete a nada que não seja seu próprio ser, à sua *essencial solidão*, na expressão de Maurice Blanchot.

Voltemos agora à perversão de Foucault. Se nos anos 1960 algo move o interesse de Foucault por Roussel, esse algo tem haver com o *problema da linguagem repetida*. Como explicita Foucault:

A linguagem já dita, a linguagem como já estando lá, determina o que se pode dizer depois, independentemente, ou dentro de um quadro linguístico geral. É precisamente isso o que me interessa. E o jogo de Roussel, dando somente em algumas de suas obras a possibilidade de encontrar o já dito, e construindo com essa linguagem inventada, de acordo com as regras dele, um certo número de coisas, mas com a condição que haja sempre referência ao já dito (FOUCAULT, 2006, p.404).

Raymond Roussel em seu livro póstumo, *Comment j'ai écrit certains de mes livres*, vindo a público em 1935, revelou um conjunto de *procédés* (procedimentos) empregados na elaboração de algumas de suas narrativas - *Impressions d'Afrique, Locus Solus, L'étoile au front, La poussière de soleils*, para citar algumas - de modo a gerar proveito aos escritores do futuro (ROUSSEL, 1995, p. 35). Roussel confia o recurso utilizado no conto *Parmi Les Noirs*:

Escolhia duas palavras quase semelhantes (ao modo dos metagramas). Por exemplo, bilhar e pilhar (saqueador). Em seguida, acrescentava palavras idênticas, mas tomadas em sentidos diferentes, e obtinha com elas frases quase idênticas (ROUSSEL, 1995, p. 11)².

Partindo das semelhanças morfológicas e fonológicas entre os dois termos (parônimos), Roussel produzia duas frases paralelas - *quase idênticas* do ponto de vista morfosintático, porém dessemelhantes do ponto de vista semântico:

1^a Les lettres du blanc sur les bandes du vieux billard.

2^o Les lettres du blanc sur les bandes du vieux pillard.

² “Je choisissais deux mots presque semblables (faisant penser aux métagrammes). Par exemple *billard* et *pillard*. Puis j'y ajoutais des mots pareils mais pris dans deux sens différents, et j'obtenais ainsi deux phrases presque identiques”.

No primeiro caso temos: As letras do giz (uma das acepções de *blanc*) sobre as bordas do velho bilhar (mesa de bilhar). No segundo: As cartas do branco sobre os bandos do velho saqueador. O conto começa com uma personagem propondo um enigma (uma adivinha baseada na duplicidade da linguagem) através de iniciais enigmáticas escritas na mesa de bilhar que fazem menção a um livro que trata de um aventureiro branco na África, resistindo aos ataques de um velho imperador negro. O conto encerra-se, precisamente, com a segunda frase.

Com isso, a narração propriamente dita, constitui-se por meio do duplo movimento: pelo esvaziamento semântico das frases, pois as aproximações são fundadas na materialidade dos significantes; e, por conseguinte, pela ressignificação oriunda da distensão entre as frases paralelas, ou seja, advento de um novo significado constituído no intervalo, e por ocasião, entre a primeira e última frase.

Raymond Roussel adota um segundo procedimento ligado diretamente ao primeiro: a partir de uma frase matriz ligada pela preposição *à*, desdobra uma frase equivalente fundada mais uma vez no duplo sentido do signo:

Palmier à restauration (bolo de uma casa de doces).

Palmier à restauration (palmeira da restauração de uma dinastia).

Assim, na abertura da narrativa, temos a palmeira na praça dos Troféus no momento da coroação do Imperador Talou. Parte considerável das cenas estará baseada nesse tipo de procedimento.

Tratou ainda de um terceiro procedimento, ao qual chamou de *avancé*, ao passo que “o procedimento evoluiu e fui levado a pegar numa frase banal da qual extraía imagens, fragmentando-a, como se faz quando se trata de charadas” (ROUSSEL, 1995, p.20).

Tomando os signos mais arbitrários possíveis, canções populares, versos de outros poetas, expressões ou provérbios populares, Roussel produzia um discurso paralelo através de homofonias. É o caso da concepção

da personagem, em *Impressions d'Afrique, Lelgualch* que possui um instrumento musical acoplado à parte inferior de sua perna:

Eu usava qualquer coisa. Assim se via em toda parte nesse momento uma propaganda não sei para que de um aparelho chamado *Phonotypia*; aquele me deu a *falsa nota tibia*, de onde o Breton Lelgouach (ROUSSEL, 1995, p. 21)³.

O fundamental é perceber que as cenas, personagens e objetos do universo rousseliano são derivados dos procedimentos gerativos. Como afirmado por Foucault, Roussel partiria dos discursos, ou seja, do *já dito* das frases “absolutamente cotidianas ouvidas ao acaso” (ROUSSEL, 1995, p. 21), não com a intenção de produzir uma representação verossimilhante em seus romances e peças teatrais, mas de subvertê-las e transformá-las a ponto de construir figurações extraordinárias. Sob as imagens do texto configurado, persistiria um outro texto abandonado na forma de ruína, retorcido, cujo fundamento último estaria uma vez por todas reservado ao silêncio.

A partir do século XIX, “a linguagem se dobra sobre si mesma, adquire sua espessura própria, desenvolve uma história, leis e uma objetividade que só a ela pertencem” (FOUCAULT, 2007, p. 409). Em literaturas como a de Roussel, essa nudez da linguagem, recolhida na auto-refencialidade do texto, permite perscrutar o próprio ser vivo da linguagem, ou fazer a prospecção da palavra, na terminologia de Roussel. No limite, essa visada Roussel-Foucault permite investigar o segredo da linguagem na escritura e a relação da linguagem com a morte⁴.

1 Linguagem e morte.

³ “J’usais de n’importe quoi. Ainsi on voyait partout à ce moment une réclame pour je ne sais quel appareil nommé « Phonotypia »; cela me donna « fausse note tibia », d’où Le Breton Lelgouach”.

⁴ Não abordaremos neste artigo o problema da morte conforme desenvolvido na economia geral da obra foucaultiana. Interessa a nós apenas a articulação preliminar, feita por Foucault em seu texto *Raymond Roussel*, entre linguagem e morte tal como se configura na obra do escritor francês. Sobre o tema geral da morte na experiência intelectual de Foucault (em especial no Foucault da *História da Loucura* e seu debate com os epistemólogos francês, como Georges Canguilhem) vale a pena fazer referência ao Colóquio Internacional Foucault, 2011, PUC-SP.

De saída, no ensaio intitulado *Raymond Roussel*, Foucault evidencia certos jogos especulares entre a vida, as narrativas e os procedimentos escriturais de Raymond Roussel:

As máquinas repetem, ao nível da linguagem coerente, uma outra linguagem muda, fragmentada e destruída, e repetem ainda nas imagens mudas e imóveis uma história como sua longa narrativa. Linguagem que brota de linguagem abolida. Linguagem rimando consigo mesma, repetindo o que é morto, silencioso e secreto fazendo reviver a linguagem (FOUCAULT, 1999, p. 68)⁵.

Em 1933 Roussel suicidara-se no hotel des Palmes em Palermo, região siciliana da Itália, após uma overdose de barbitúricos. Foucault faz a hipótese de que o ato suicida guarda certa funcionalidade em relação ao conjunto de sua obra: o suicídio ao dissolver a presença empírica do autor, deixa como legado um *silêncio ruidoso*, do qual já não se pode extrair uma significação última para o tipo de literatura produzida. Por sua vez, a revelação dos procedimentos de escrita, ao invés de solucionar a totalidade do enigma da escritura rousseliana, acaba por gerar interrogações, antes inauditas. Haveria para além do método descrito, alguma lei subjacente, não revelada, que justificaria o próprio método? Qual o sentido do procedimento mesmo? Existiriam outros não indicados? Certamente, estaríamos diante de um mistério crescente, fundado no embotamento da figura autoral e na consequente redução programática ao texto, tomado assim como ente autônomo. Daí o desdobramento do mistério nos limites da obra, inversamente proporcional à transparência e sucinta expressão do livro póstumo. Exatamente no imponderável dessa ausência eficaz da morte, que a estrutura da obra rousseliana (constituído pela série obras literárias, ato suicida e testemunho póstumo) pode disseminar a dúvida, e passar a operar jogos de adivinha e charadas, prontos a inquietar e fazer vacilar seus leitores.

Por conseguinte, podemos vislumbrar um Roussel foucaultiano. Bem diferente do Roussel de François Piron que lê a busca de um imaginário puro, livre das determinações subjetivas e objetivas que atravessam o autor - só o

acaso duma maquinação alheia a nós nos dará o novo, afirmaria o crítico. Com Foucault, o nome Roussel não denominaria a efetuação duma máquina de *criação ex-nihilo*, mas uma investigação dos próprios princípios da linguagem. Autor que armaria o enigma da escrita no momento em que a esclarece. Por fim, restabeleceria uma articulação entre a linguagem e a experiência-limite no momento de dissolução do sujeito.

2 Uma última inversão

Um Foucault rousseliano? Entre a publicação do livro Raymond de Roussel e *As Palavras e as Coisas*, Foucault escrevera dezenas de artigos sobre certas experiências de vanguarda na literatura francesa (destacam-se o *Prefácio à Transgressão*, *A Linguagem ao Infinito*, o *Posfácio a Flaubert*, *O Pensamento do Exterior*). Maurice Blanchot e sua noção de *pensamento do fora*, Georges Bataille e a noção de *transgressão*, Pierre Klossowski e a noção de *simulacro*, passam a incorporar o vocabulário foucaultiano. Como apontado anteriormente, Foucault assume um pensamento de extração nietzschiniana ao deslocar uma *dialética da história*, fundada no conflito da razão e do seu ser outro, para reivindicar na modernidade, a permanência das estruturas da *experiência trágica do mundo* (não se deve perder de vista a articulação com reflexão epistemológica francesa e a linguística de raiz saussuriana). Escapando à redução da representação (não podemos esquecer como a enciclopédia de Borges desarticula a ordem dos saberes e aponta seu limite), do funcionamento do discurso, das correlações fechadas do significante e do significado, a literatura moderna (diferente do Renascimento que ainda tinha o *verbo criador* como ideia reguladora) consubstancia esse movimento ilimitado da linguagem. Como afirma Foucault:

A partir do século XIX, a literatura restabelece a linguagem em seu ser, mas não ainda como apareceria no final do Renascimento. Porque, agora, não há mais uma palavra primeira absolutamente inicial pela qual se encontrava fundado e limitado o movimento infinito do discurso. De agora em diante a linguagem vai crescer sem ponto de partida, sem fim e sem promessa. O percurso desse espaço vão e fundamental é o que traça a cada dia o texto de literatura (FOUCAULT, 2007, p. 409).

A obra paradigmática dessa epopéia da linguagem seria a de Roussel: linguagem retroalimentada, dobra de si, aponta justamente para uma ausência, um vazio para além de seu movimento reflexivo. Nos limites da ausência, a linguagem novamente disseminada indicaria uma *experiência-limite* para além da categoria de sujeito autocentrado:

Era necessário que esse novo modo de ser da literatura fosse desvelado em obras como as de Artaud ou de Roussel, e por homens como esses (...). Em Roussel, a linguagem [a língua], reduzida a pó por um acaso sistematicamente manejado, relata indefinidamente a repetição da morte e o enigma das origens desdobradas. E, como se essa prova das formas da finitude na linguagem não pudesse ser suportada ou como se ela fosse insuficiente (talvez sua própria insuficiência era insuportável), foi dentro da loucura que ela se manifestou. A figura da finitude se dá assim na linguagem (como o que se desvela nela), mas também antes que ela, mais aqui, nesse região informe, muda, insignificante onde a linguagem pode liberar-se. E é nesse espaço, assim posto a descoberto, que a literatura – com o surrealismo primeiro (mas sob uma forma travestida), depois, cada vez mais puramente com Kafka, com Bataille, com Blanchot – se dá como experiência: como experiência da morte (e no elemento da morte), do pensamento impensável (e em sua presença inacessível), da repetição (da inocência originária, sempre aí, no ponto mais próximo à linguagem e mais afastado dela), como experiência da finitude (capturada na abertura e na exigência dessa finitude) (FOUCAULT, 2007, p.532).

Conclusão

Na impossibilidade de uma apreensão conceitual dessa zona indeterminada, indicada pelo nome *linguagem*, o que a escrita de Roussel faz é mostrar o seu funcionamento, desde sua aparição mediante *máquinas feita de palavras*, até as ruínas de uma matriz de linguagem extinta. A partir dessa presença de uma ausência fundamental, amplifica-se a virtualidade do vazio a contrapelo de um espaçamento vertiginoso e repetitivo de uma linguagem intransitiva. Em termos foucaultianos, anuncia-se um tipo de experiência que estaria entre outras coisas: na erosão da episteme através de um contradiscurso capaz de apontar o próprio limite da episteme; na transgressão dos modelos convencionais do discurso; na negação de um centro ou

fundamento que ordenasse a priori as possibilidades de enunciação; no autotelismo de uma linguagem dessubjetivada; na desagregação do corpo próprio e do pensamento e por fim na falência do sujeito como entidade imutável. Conseqüentemente, uma nova relação de transversalidade entre linguagem, pensamento e corpo se insinuaria.

Daí a hipótese arriscada: será que de fato Foucault abandonou o tema da literatura (após mais ou menos a escrita de *O que é um autor?* No final dos anos 60) ou será que tal experiência aberta pela literatura rousselfiana permaneceu no imaginário de Foucault, e migrou para fora do texto literário espalhando-se para o campo da política, e no último Foucault, para a *estilização da vida* e os novos modos de subjetivação do *cuidado de si*?

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses: Une archéologie des sciences humaines*. 1. ed. Paris : Gallimard, 1975. 400 p.

_____. *Raymond Rousset*. Trad. Manuel B. da Motta e Vera Lúcia A. Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 149 p.

_____. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.

_____. *Ditos e escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Org. Manoel de Barros. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006. 432 p.

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 187 p.

ROUSSEL, R. *Impressions d'Afrique*. 1. ed. Paris: Lemerre, 1910. 455 p.

_____. *Comment j'ai écrit certains de mes livres*. 1. ed. Paris:
Gallimard, 1995. 325 p.